

Revista Alterosa: identidade e elo editorial pela nomeação de um periódico¹

Alexandro Galeno da COSTA²
Frederico de Mello Brandão TAVARES³
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

O presente artigo tem como norte o delineamento da importância da nomeação “Alterosa” como elo constitutivo da relação entre leitores a esta publicação. Buscamos compreender como o significado do nome da revista estava inserido em sua identidade editorial de maneira a representar as intencionalidades contidas no periódico. As transformações foram identificadas com base no conceito de contrato de leitura correspondentes ao percurso da publicação. *Alterosa*, que representava aquilo que estava contido na essência da mineiridade, transpõe características do seu estado de origem para o conteúdo da publicação. Desta maneira, a abordagem de *Alterosa* estava relacionada a constituição de um contrato de leitura com o seu público, lidando com um imaginário espaço-temporal.

Palavras-chave: Revista; Palavra de Ordem; Enunciação; Contrato de Leitura.

Construção de uma imagem mineira nas páginas de Alterosa

Em meio ao movimento de efervescência do mercado editorial brasileiro, durante o final da primeira metade do século XX, surgia em Minas Gerais a Revista *Alterosa*, em agosto de 1939. Pertencente ao grupo editorial Sociedade Editora Alterosa, a publicação possuía em seus primeiros anos uma circulação mensal restrita ao território mineiro. Essa situação muda por volta de 1945, quando passa a abranger todo território nacional, além de alguns exemplares serem destinados à Portugal e Espanha.

A revista estava inserida em um cenário altamente competitivo e ainda com o quase monopólio editorial de produtos do eixo Rio-São Paulo. Com a escassez de experiências do ramo no estado, a *Alterosa* vinha com o intuito de dar voz aos principais acontecimentos que tocavam, primordialmente, a elite social mineira. Logo em sua primeira edição esse movimento de escolha de conteúdo fica evidente pela exaltação da chamada “ Terra Mineira”. A nomenclatura das principais seções realiza referência à Minas Gerais. Dentre

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: galenoalexandro@gmail.com

³ Doutor em ciências da Comunicação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Graduação em Jornalismo na UFOP-MG. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com

estas seções estavam: “Grandes Vultos de Minas Gerais”, “Minas pela Caricatura”, “Flagrante da Vida Mineira”, “Terra Mineira” e “Sociedade Mineira”.

Ao olharmos para esse movimento de exaltação do “ser mineiro” deparamo-nos com o conceito de mineiridade que reflete o delineamento de características cunhadas através de gerações como identificadoras da sociedade mineira. Sendo assim, ocorria um forte sentimento de busca de identificação da revista com seus leitores por meio de conteúdos que tangiam diretamente a família mineira. Mesmo seu conteúdo tangendo em suma assuntos destinados às mulheres, a revista buscava abarcar em suas páginas temáticas relacionadas à família de maneira geral. *Alterosa* se colocava no mercado de revistas femininas ilustradas, contudo a revista buscava abarcar em suas páginas temáticas relacionadas a família, o que estava refletido no seu *slogan*: “Para a família Mineira”. Esse segmento de revistas é visto por Pinsky e Pedro (2012) como uma imprensa responsável por temáticas de cunho mais trivial:

Essa imprensa particulariza-se por dirigir-se para o público feminino, ainda que nem sempre tenha sido produzida por mulheres. Trata-se de um tipo de produção jornalística que não é movida pela necessidade de registrar o fato noticioso do dia anterior, matéria-prima por excelência do jornalismo. Pelo contrário, a imprensa feminina orbita em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento. Moda, beleza, casa, culinária ou o cuidado com os filhos comportam uma abordagem circular, ligada à natureza e às estações do ano. (p. 439)

A ligação com Minas Gerais estava presente na escolha no nome da revista a fim de consolidar esse elo enunciativo. Segundo os dicionários Aurélio e Houaiss podemos encontrar o significado do termo “alterosa” como referente a aquilo que é alto, majestoso ou de grande estatura. Nota-se, assim, pelo significado e a nomeação, uma ligação ao território mineiro por seu relevo característico de formação montanhosa, além de um almejado destaque da publicação dentro do cenário editorial que passava a fazer parte. Como aponta Mouillaud (2002) o nome de uma publicação é o primeiro contato do leitor com a mesma, sendo o primeiro fator que fomentara o elo enunciativo.

A propriedade mais trivial do nome de jornal é a de ser o primeiro enunciado que um jornal oferece à visão no espaço e no tempo. A apresentação de seu nome se opera na presença de outros nomes, aqueles dos jornais que fazem parte do mesmo paradigma. Que o nome de jornal apareça entre outros não é nem insignificante, nem contingente. Ele se apresenta como um nome que pode substituir outros e ao qual outros também podem substituir. (p.86)

Desta maneira, buscamos analisar o modo como o nome da publicação carregou a “essência” de seu significado durante o percurso traçado por *Alterosa* em seus 25 de circulação. Contando com mudanças editoriais significativas, a publicação obteve tiragem de aproximadamente 80 mil exemplares durante o seu auge. Essa análise teve como base as edições disponibilizadas digitalmente pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCHB)⁴ e pela Biblioteca Nacional Digital (BND)⁵. Ao todo contamos com um *corpus* composto por 234 exemplares da revista, porém vale ressaltar que os arquivos alocados na BND se encontram apenas em versão preto e branco.

Solidificação de um elo com o leitor de *Alterosa*

A criação de um produto editorial presume o estabelecimento de uma identidade que fará a ligação deste com seu público. Por meio de características perenes ao longo de sua trajetória o produto assume uma relação de fidelidade com aquilo almejado pelo leitor. De acordo com Tavares (2012)

no conjunto dos exemplares de um jornal, seu nome funciona como um local de passagem entre uma leitura privada e pública, a segunda, que diz respeito a um conjunto de acontecimentos e temas noticiados, a primeira, que diz respeito à expectativa e a um *modus operandi* através do qual estes conteúdos são regularmente “envelopados” (p.85)

A função de ligação do nome da publicação com seu conteúdo no caso de *Alterosa* estava fortemente presente em seus anos iniciais. Isso se deve pela sua circulação ainda se exclusivamente restrita ao território mineiro e o elo com o leitor local fica mais evidente nessa fase inicial. Logo nas primeiras edições da revista podemos observar uma aposta da fidelização do público por meio de colunas literárias que eram destinadas ao envio de textos dos próprios leitores. Essa aproximação contribui para que o público seja levado para dentro daquele produto desde seu início. A mediação realizada pelo corpo editorial da revista para a conclusão desse elo não pode ser colocada em supremacia às interpretações que poderão ser postuladas por cada leitor (MORAES, 2007). Moraes ainda destaca que “outra mediação importante, embora mais difícil de ser notada, é a realizada pelo leitor no

⁴ O acervo composto por 68 edições de *Alterosa* pode ser acessado pelo site: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&lang=pt_BR&pg=6742&tax=26801

⁵ O acervo composto por edições a partir de 1949 até 1964 pode ser acessado pelo site: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=0&Pesq>

momento em que lê, interpreta o material em que lhe chegou às mãos confortando, nessa prática, aquele produto com as suas experiências pessoais.”

Com essa concepção de aborda conteúdos com o intuito angariar um contingente de leitores, podemos notar no envolvimento do público na construção de uma seção em que possui voz ativa, a postulação do contrato de leitura. Pois, com um espaço próprio o leitor se ver como peça fundamental para a construção do produto. Verón delineou o conceito de contrato de leitura como algo que

implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas (2004, p.236)

O nome da publicação servindo como o primeiro contato do leitor com a revista serve com uma “palavra de ordem” que norteará toda experiência que o mesmo terá com o produto. A recepção começa a partir do momento que essa palavra consegue colaborar para o fortalecimento do vínculo com a revista. Ou seja, o nome da revista precisa conceber de maneira sucinta a essência da identidade do produto. As “palavras de ordem” servem como instrumento de hierarquização daquilo que deverá ser apreendido ou introjetado pelo receptor. Os dispositivos comunicativos se utilizam dessa ordenação para transmitirem sua mensagem ao público, assim como aponta Deleuze (1995):

os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que o enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado. (p.11)

Alterosa tornou-se de circulação nacional por volta de 1945. Nesse momento houve a perda da imagem “mineira” que carregava até então. O seu conteúdo passou a ter ênfase na cobertura nacional de maneira mais ampla. Essa fase é marcada pela incorporação de temáticas internacionais em suas páginas. Isso não significou a perda do destaque dado à cobertura dos assuntos que estavam em destaque no cenário nacional. Durante a década de 1950 era forte o duelo nas capas de *Alterosa* entre musas da rádio nacional e as estrelas do cinema Hollywoodiano.

O grande elo entre o cinema e o público responsável por essa ‘cinematografização do cotidiano’ eram as revistas, que tinham suas páginas povoadas por astros de Hollywood. Rostos que ficaram conhecidos graças ao cinema, mas também às capas de revistas. Rostos

que virara modelos, dando origem, na ‘Era de Ouro’, como a definiu Hobsbawn, a todo o universo de consumo que nos envolve. Conforto e bem-estar que se tornavam muito mais evidentes para quem tinha vivido os horrores e a penúria dos tempos de guerra. Por outro lado, negócios ainda bastante modestos comparados à posterior consolidação da imprensa feminina. (MIRA, 2001, p. 32)

A recepção dos aparatos reverberados da cultura americana acabou por acentuar no Brasil a concepção do *American Way of Life*. Durante toda a década de 1950 era constante a presença de reportagens e seções destinadas exclusivamente pela cobertura dos acontecimentos relacionados aos astros e estrelas do cinema americano. Buscava-se a transposição da vida pessoal de cada ator para o público com uma ideia que aquilo seria uma realização plena do modo de ser estar no mundo. “Mais do que a política de boa vizinhança, o que se acelera no pós-guerra é a internacionalização da cultura e do modo de vida norte-americano” (MIRA, 2001, p. 26). Nesse período de acentuação da internacionalização o fundante primordial do nome *Alterosa* permanece em uma linha tênue dentro da revista.

As transformações que ocorrem com a abrangência da circulação de *Alterosa* acabam sendo o principal motivo para a ruptura com os conteúdos de proximidade geográfica, primordialmente, pela necessidade de falar para um público que não mais estava apenas circunscrito ao território mineiro. Assim, em sua fase “mais nacional”, a partir de 1946 acabam desaparecendo as seções que eram de caráter eminentemente mineiro. A incorporação desse movimento foi destacada por Luca (2010) como algo preponderante ao conteúdo dos veículos comunicativos.

o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições matérias e/ ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais. (p.2)

Dentro do *corpus* que dispúnhamos em nossa análise podemos delinear quatro mudanças significativas na apresentação física do nome da revista. Todas as transformações tangiam mudanças desde o conteúdo da publicação até a apresentação gráfica do logotipo e ordenação dos elementos que vinham em sua capa. Nos 25 anos da revista apenas uma

edição não possuía uma imagem feminina na capa. O número 358 de outubro de 1962 trazia a imagem do Papa João XXIII junto a manchete sobre a realização do Concílio da Igreja Católica.



Edição nº 01 – ago/39

Edição nº 76 – ago/46



Edição nº 236 – jun/56

Edição nº 350 – fev/62

Edição nº 358 – out/62

Os sentidos que poderão ser recebidos pelos leitores dependerão das circunstâncias que a enunciação se fará presente. De algum modo, *Alterosa* pode contribuir para o prolongamento de uma cultura através das suas páginas. Os enunciados primordiais da circulação da revista denotavam um ponto de partida “mineiro” para o seu discurso, remetendo a um imaginário pelo título da publicação, mesmo que os assuntos não mais dissessem sobre este universo geográfico específico. Foucault definiu que “[...] é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se

queira imaginar, definem sua pertença recíproca, (1970, p.21). Porém, vale lembrar, essa convergência de discursos não pode ser alocada como produtora de efeitos únicos:

Todo discurso desenha, ao contrário, um campo de efeitos de sentido e não é único efeito. A relação entre a produção e a recepção (prefiro chamar esta última de reconhecimento) é complexa: nada de causalidade linear no universo de sentido. Ao mesmo tempo, um discurso dado não produz um efeito qualquer. (MOUILLAUD, 2012, p. 216)

Considerações Finais

As transformações que estão em ebulição na sociedade geram as modificações nos rumos que qualquer veículo comunicativo. As vozes que surgem de acordo com os novos almejos da sociedade precisarão fazer parte daquilo oferecido por qualquer publicação. *Alterosa* perpassou seus 25 anos sofrendo constantes modificações com esse intuito. A revista necessita estar em constante diálogo com seu leitor, caso queira permanecer no mercado no qual está inserida.

O nome de uma publicação traduz sua identidade no momento de sua concepção como produto, porém podemos perceber no caso de *Alterosa*, que houve a necessidade de adequação às novas “vontades” que vinham das bancas, incluindo aí mudanças do próprio mercado editorial. Primordialmente, a demanda do público em constante evolução precisará ser o norte da publicação para a manutenção do contrato de leitura com o seu público. Não obstante, a longevidade do produto está relacionada a maneira que o elo enunciativo é mantido, visto que esse será o principal meio de ligação com seus leitores. Como aponta Moulland (2012, p. 18) “os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerente do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma”. Esse local de sustentação da essência do produto precisa estar adequado àquilo que é esperado de antemão pelo conhecimento prévio de sua identidade. Ou seja, a publicação necessita manter ao longo de suas edições uma homogeneidade em sua “forma”, para que esta seja percebida como pertencente a uma lógica editorial coerente.

Desta maneira, *Alterosa* carregou consigo durante sua longevidade a essência contida nos anos 1930, com o enriquecimento de traços que foram delineados pelas evoluções de seu tempo. A revista manteve a identidade de uma publicação de berço mineiro, mas angariou elementos constitutivos daquilo que foi perpassado durante sua trajetória, a fim de manter a ligação com seu (crescente) público.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1995). **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia (trad. Ana Lúcia de Oliveira). Rio de Janeiro: Editora 34, vol. 2, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2011

GOMES, Mayra Rodrigues. **Palavra de Ordem e Dispositivo Disciplinar**. São Paulo. Galáxia, n.5. p. 91-108, abr/2003

LUCA, Tania Regina. **Leituras, projetos (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo. Unesp. 2010

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001

MORAES, Letícia Nunes. **Cartas ao Editor: leituras da revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007

MOULLAUD, Maurice. O nome do jornal. In: PORTO, Sérgio (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Editora UnB, Brasília, 2º ed. 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2012

TAVARES, Frederico de Mello. A qualidade de vida no mercado jornalístico de revistas: entre o conceito e o segmento. **Tuiuti**, n. 45, p.77-94, Curitiba, 2012

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.